

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v12n3p181-199>

A estrutura da violência contra professores: representações sociais de docentes associados aos sindicatos nordestinos

Michelle Beltrão Soares¹Laêda Bezerra Machado²

RESUMO

Partindo do pressuposto de que o adoecimento dos professores e o descompasso entre as demandas da escola na sociedade atual devem fazer parte dos relatos de queixas e insatisfação da categoria docente, este trabalho parte de uma pesquisa realizada no doutorado em educação, buscou situar a violência contra o professor através de uma perspectiva individual e de classe profissional. Embasada na Teoria das Representações Sociais (TRS), principalmente na perspectiva da Teoria do Núcleo Central, nesta investigação compreende-se que as condutas podem estar a favor de posições ideológicas que contribuem para perpetuar o desprestígio da profissão docente e a banalização da violência contra o profissional. Os achados indicaram que a violência contra o docente está fundamentada na violência geral que atinge grupos sociais, de gênero, crianças, adolescentes etc. Bem como, de maneira mais enfática, em elementos estruturais: na desvalorização profissional que se materializa, principalmente, na baixa remuneração. Essas questões também atestam a dificuldade em lidar com o fenômeno da violência contra o docente. Os resultados também sinalizam para a necessidade de maiores discussões e enfrentamento do problema por parte dos gestores de políticas públicas direcionadas aos docentes de educação básica e entidades representativas de professores.

Palavras-chave: Violência. Professor. Sindicato

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora vinculada ao Departamento de Psicologia e Orientação Educacional - UFPE e da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Professora no Curso de Pedagogia, Licenciaturas Diversas e no Programa de Pós-Graduação em Educação da FAFIRE. Coordenadora institucional do Programa Residência Pedagógica da FAFIRE. Email . michellebssales@gmail.com

2 Doutora em Educação. Professora Associado da Universidade Federal de Pernambuco- Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional. Email laeda01@gmail.com

The structure of violence against teachers: social representations of teachers associated with the northeast trade unions

ABSTRACT

Starting from the assumption that the sickness of the teachers and the mismatch between the demands of the school in the current society should be part of the reports of complaints and dissatisfaction of the teaching category, this work, part of a research carried out in the doctorate in education, sought to situate violence against the teacher through an individual and professional class perspective. Based on the Theory of Social Representations (TRS), mainly from the perspective of the Central Nucleus Theory, in this investigation it is understood that the conducts may be in favor of ideological positions that contribute to perpetuate the prestige of the teaching profession and the trivialization of violence against the professional. The findings indicated that violence against teachers is based on general violence that affects social groups, gender, children, adolescents, etc. As well as, more emphatically, in structural elements: in the professional devaluation that materializes, mainly, in the low remuneration. These issues also attest to the difficulty in dealing with the phenomenon of violence against teachers. The results also point to the need for greater discussion and coping of the problem by public policy managers directed to teachers of basic education and representative entities of teachers.

Keywords: Violence. Teacher. Syndicate

La estructura de la violencia contra profesores: representaciones sociales de docentes asociados a los sindicatos nordestinos

RESUMEN

Partiendo del supuesto de que la dolencia de los profesores y el descompás entre las demandas de la escuela en la sociedad actual deben hacer parte de los relatos de quejas e insatisfacción de la categoría docente, este trabajo, parte de una investigación realizada en el doctorado en educación, buscó situar la violencia contra el profesor a través de una perspectiva individual y de clase profesional. Con base en la Teoría de las Representaciones Sociales (TRS), principalmente en la perspectiva de la Teoría del Núcleo Central, en esta investigación se comprende que las conductas pueden estar a favor de posiciones ideológicas que

contribuyen para perpetuar el desprestigio de la profesión docente y la banalización de la violencia contra el profesional. Los hallazgos indicaron que la violencia contra el docente está fundamentada en la violencia general que afecta a grupos sociales, de género, niños, adolescentes, etc. Así como, de manera más enfática, en elementos estructurales: en la devaluación profesional que se materializa, principalmente, en la baja remuneración. Estas cuestiones también comprueban la dificultad de lidiar con el fenómeno de la violencia contra el docente. Los resultados también señalan la necesidad de mayores discusiones y enfrentamiento del problema por parte de los gestores de políticas públicas dirigidas a los docentes de educación básica y entidades representativas de profesores.

Palabras clave: Violencia. Maestro. Sindicato

Introdução

Pesquisas relacionadas à violência no ambiente escolar vêm sendo realizadas, de forma sistemática, desde os anos 1950 e demonstram que esse tipo de violência tem sofrido transformações ao longo dos anos. Os conceitos, as modalidades, a frequência e o modo das ocorrências foram se modificando com o passar do tempo. Além disso, o histórico das instituições escolares em nosso país reforça o fato de que situações violentas na escola estão longe de fazer parte de um fenômeno atual.

Com os avanços nas investigações sobre a temática, a violência no interior das escolas passou a ser estudada sob os aspectos sócio históricos, impressos nas relações de poder, na intolerância que envolve questões morais e cívicas, bem como nas relações estruturais do poderio econômico. Também é abordada a partir dos vieses biológico, psicológico e educacional, com destaque para as patologias, as teorias sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes e a didática. Portanto, esse tipo de violência se estabelece como um fenômeno complexo, indissociável nos planos biopsíquico e social.

De fato, quando se fala da violência escolar quase sempre vem à tona os casos ocorridos entre os alunos ou contra eles, quais sejam: punições, evasões, brigas e principalmente o *bullying*. Porém tem sido comum nas escolas professores confiscarem armas de fogo, as chamadas armas brancas (facas, punhais, etc.), drogas e outros artefatos que são utilizados para coerção deles próprios em seus ambientes de tra-

balho. Dentre as modalidades da violência ocorrida no ambiente escolar, este trabalho tomou como objeto de estudo a violência contra o professor.

É alarmante constatar que professores fazem parte das estatísticas de um quadro em que são baleados, esfaqueados e, nos casos mais extremos, assassinados em seus ambientes de trabalho. Um caso ocorrido em uma escola pública municipal de São Paulo, em setembro de 2011³, é um exemplo: um estudante de 10 anos atirou contra a professora na sala de aula e depois cometeu suicídio. Outro dado que chama atenção é que pais de alunos também são apontados na condição de agressores, como em um episódio ocorrido em Caruaru-PE em outubro de 2010, em que uma professora foi agredida por um pai de aluno em uma reunião de pais e sofreu traumatismo craniano⁴.

Voltamos nosso olhar para as entidades de proteção aos professores na Região Nordeste brasileira, que apesar de ser conhecida pelas belezas naturais, compreende problemas sociais históricos relacionados à saúde pública, à precariedade dos serviços de saneamento básico, aos altos índices de violência, e às defasagens educacionais de diferentes ordens. Portanto, o presente artigo parte de uma pesquisa de doutorado em educação, considerou a violência contra o professor a partir de docentes associados aos principais sindicatos nordestinos. O principal objetivo desta etapa foi analisar como esses professores representam a violência contra eles mesmos, identificando a estrutura (núcleo central e sistema periférico) das representações sociais de violência contra o professor.

Violência contra o professor e a profissão docente

O conceito de violência tem sido modificado com o passar do tempo em função das diferentes percepções das sociedades acerca do fenômeno. Em sua complexidade, a violência tem sido um fenômeno estudado por diversos teóricos (ABRAMOVAY, 2005; CANDAU, 1999; PINO, 2007) que enfatizam diferentes aspectos e uma multiplicidade de senti-

3 ALUNO de 10 anos dispara contra professora e se suicida em escola paulista. Uol Notícias, São Paulo, 22 set. 2011. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/09/22/aluno-de-10-anos-dispara-contra-professora-e-se-suicida-em-escola-paulista.jhtm>. Acesso em: 22 mar. 2018.

4 GIL, Wganer. Diretora de escola sofre traumatismo craniano ao ser gredida por pai de estudante. 23 dez. 2010. Disponível em: <https://ne10.uol.com.br/canal/interior/agreste/noticia/2010/10/23/diretora-de-escola-sofre-traumatismo-craniano-ao-ser-agredida-por-pai-de-estudante-241244.php>.. Acesso em: 22 mar. 2018.

dos lhe são atribuídos. Pino (2007), por exemplo, aponta que o conceito de violência é reconstruído de acordo com cada sociedade e suas respectivas especificidades.

Ações consideradas violentas podem divergir ou se assemelhar em diferentes culturas e sociedades, isso pode ser entendido sob a ótica do contexto histórico, político e social de cada coletividade. Nesse sentido, a violência assume especial relevância, pois, a imprevisibilidade das ações violentas e a crescente sensação de impotência perante ela fazem crer que todos nós já sofremos ou iremos sofrer algum tipo de violência direta ou indireta em algum momento de nossas vidas. Portanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a violência representa um problema de saúde pública, amplamente disseminado em todos os países do mundo (MINAYO, 1999).

A OMS define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Também caracteriza a violência como ato intencional, independente do resultado produzido, descartando ações que não tenham intencionalidade.

Assim como caracteriza a Organização Mundial da Saúde, é preciso considerar que a violência não assume apenas os aspectos físicos. Abramovay (2005, p.54) coloca que “não necessariamente se fazem necessárias, provas, corpos, para configurar algo como violência”. Nesta mesma linha de argumentação, a OMS propõe que a natureza dos atos violentos pode ser: física, sexual, psicológica, relacionada à privação ou ao abandono.

Ainda nessa linha de pensamento, Abramovay (2002) acrescenta que o abuso do poder, assim como a marginalização e a discriminação, é considerado violência simbólica. Esse tipo de violência naturaliza questões nitidamente errôneas da organização social, quando há, por exemplo, dificuldade de ingresso de alguns jovens, geralmente oriundos de classes populares, no mercado de trabalho; quando as escolas públicas não dão condições para que seus jovens ingressem no ensino superior; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e significado para a vida dos alunos e quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes. É uma violência que também pode ser considerada estrutural em virtude do modo que ela se engendra, radicada no funcionamento das sociedades.

Essa polissemia do conceito de violência também se expressa quando se trata do fenômeno no contexto escolar e é corriqueiramente empregado pelos educadores para classificar comportamentos indisciplinados. A esse respeito, Charlot (2005) afirma que a violência escolar é um fenômeno de âmbito maior e frisa a importância de se diferenciar os casos dessa violência observados nas instituições escolares.

Atos de violência contra o patrimônio da escola envolvem as situações de ações de vandalismos, como quebras de carteiras, mesas, vidros das janelas, de lâmpadas, roubos; pichações de paredes, banheiros, salas de aulas e muros. Para Guimarães (1998), esses atos podem estar relacionados à precariedade do ensino no Brasil e ainda, podem funcionar como forma de resistência às normas da escola. A referida autora ainda coloca que a escola parece estar sob a influência constante de dois movimentos, a violência dos poderes instituídos que se manifesta muitas vezes de forma simbólica, com a intenção de neutralizar as diferenças; as reações brutais e a resistência que subvertem a ordem a ser mantida.

Em relação aos atos de violência ocorridos entre professores e alunos, em maior ocorrência estão a agressão física, verbal e psicológica, através de xingamentos e ameaças. Essas agressões geralmente são desencadeadas em atividades pedagógicas, tais como o momento de divulgação das notas, reclamações sobre mau comportamento etc. Apesar de a representação midiática enfatizar a agressão física por parte do alunado, nem sempre os professores estão numa posição de vítima e nem sempre os alunos são violentos. O que temos nas escolas, em regra, é um polo que exerce autoridade (professores) e um pólo subordinado (que são os alunos). Mas, isso não impede que professores e alunos possam compartilhar, ou ainda transitar nessas posições.

De fato, com um olhar mais atento, é possível identificar a forma hegemônica como a mídia representa a juventude e propaga padrões, diferenciando o modo de noticiar a violência: os mais ricos são tratados com um tipo de discurso que procura explicar o crime pelo aspecto psicológico. Já para os jovens pobres, a explicação mais comum é a cobiça pelo dinheiro e bens materiais (NJAINÉ, 2004).

Abramovay (2005) ressalta que existem escolas bem-sucedidas em comunidades consideradas violentas, procurando desnaturalizar os discursos que priorizam essa relação como foco do problema. De acordo com a autora, não são apenas os estabelecimentos de ensino público que convivem com situações de violência. Professores de escolas parti-

culares e mesmo de universidades e faculdades, enfrentam o fenômeno em seu cotidiano.

Portanto, é preciso problematizar as relações de violência contra o docente numa relação de interação, levando em conta a tendência midiática de banalização da violência com a população mais pobre, com o discurso de vitimização e desqualificação da escola pública. Somam-se, ainda, aos atos de violência contra o docente, a agressão praticada também pela instituição em que os professores atuam, seja ela pública ou privada, pelos pais de alunos, por outros membros da instituição escolar e pelos órgãos governamentais (Prefeituras, Governos do Estado, Secretarias de Educação, Sindicatos etc.). O assédio moral das instituições públicas e privadas, a desvalorização profissional, baixos salários, dentre outros fatores, fazem parte dos aspectos que envolvem a violência contra o professor.

Com base nas concepções já apontadas, toma-se como conceito de violência contra o professor neste trabalho: toda forma de agressão física ou moral, ocorrida com alunos, pais de alunos, com a própria instituição e com órgãos governamentais, relacionadas com a profissão docente, que cause danos à integridade física, psicológica e moral dos professores. Essa agressão é deflagrada a partir de situações do próprio ambiente, caracterizando principalmente situações da dinâmica da sala de aula, como chamar atenção de alunos, atribuir nota baixa, reprovação, entre outros. E ainda, por situações que envolvem assédio moral e desvalorização profissional dos docentes.

Ainda, o presente artigo foi embasado na Teoria das Representações Sociais (TRS). As representações sociais criam a realidade que, uma vez estabelecida, passa a influenciar as interações sociais e acaba legitimando e justificando condutas. Muitas vezes, essas condutas podem estar a favor de posições ideológicas que contribuem para perpetuar o desprestígio da profissão docente e a banalização da violência contra o profissional, pois orientam práticas que materializam esse objeto no cotidiano das pessoas.

Sobre a Teoria das Representações Sociais

A opção pela referida Teoria se deu pelo fato de acreditarmos que uma das maneiras do indivíduo se apropriar dos aspectos da realidade seria via representação social, compreendida como “um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originário na vida diária no cur-

so de comunicações interindividuais” (MOSCOVICI, 1981, p.181). Nesse sentido, Jodelet apresenta o mais popularizado conceito da Teoria, em que as representações sociais são caracterizadas como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada que têm um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989, p. 43).

Como algo que antes era tão distante da realidade profissional, como sofrer agressão dentro das escolas, agora faz parte de relatos corriqueiros dos docentes? Compreendendo, portanto, a TRS como uma grande teoria, capaz de embasar conceitos indispensáveis para a apreensão dos questionamentos acima propostos, os estudos sobre as representações sociais despontam para paradigmas diferentes, que tomam forma à medida que pesquisadores as particularizam em prol de determinados fins e objetivos.

Nos apoiamos, ainda, na perspectiva teórica de Abric (1998), em que a representação identificada será uma representação partilhada entre os sujeitos do grupo, a partir de elementos comuns. Esses elementos padronizados são constituintes do núcleo central da representação. Com base nessas afirmações, Abric desenvolve uma teoria complementar chamada de Teoria do Núcleo Central, com o objetivo de identificar a constituição das representações sociais através do seu conteúdo e estrutura, para compreender, assim, o seu funcionamento, suas práticas.

Segundo Abric (1998), uma representação é constituída de um conjunto de informações, de crenças, opiniões e atitudes para com um dado objeto social. Esse conjunto de elementos é organizado em uma estrutura, por sua vez, constituída por elementos periféricos e elementos centrais. “Toda representação está organizada em torno do núcleo central, que determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna. O núcleo central é um subconjunto da representação.” (ABRIC, 1998, p.67)

A Teoria do Núcleo Central ampliou o campo de estudos das representações sociais sugerindo um grande leque de possibilidades metodológicas que focalizam as transformações ocorridas em determinado contexto histórico e social. Considera-se que o conteúdo e a organização da representação, identificados conforme a TNC, podem dar pistas para questões a respeito da gênese das representações, inclusive, em relação às agressões que os professores vem sofrendo em seus ambientes de trabalho.

Metodologia

Neste artigo focamos na etapa em que realizamos o levantamento do conteúdo das representações sociais de 420 professores associados de entidades sindicais em toda região Nordeste. Foi realizado um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) com o referido grupo objetivando o levantamento do conteúdo e a possível estrutura interna das representações sociais. O Teste de Associação Livre de Palavras já é um procedimento projetivo clássico nos trabalhos de representações sociais. Com ele, os sujeitos são incentivados a evocarem, de modo livre e rápido, palavras ou expressões que lhes vêm imediatamente à lembrança a partir de um estímulo indutor.

Como se trata de uma pesquisa que abrangeu toda região Nordeste, utilizou-se de uma ferramenta que permitiu a realização de formulários *on-line*, chamada *Google doc*. Nessa plataforma, foi confeccionado o TALP, que solicitava além da caracterização dos sujeitos, que os professores completassem com cinco palavras que lhe viessem imediatamente à lembrança, a expressão indutora: *Violência contra o professor é...* Destaca-se ainda que o formulário pedia para que os professores selecionassem uma palavra como a que melhor descrevesse o indutor e justificassem a escolha.

O critério de escolha desses professores⁵ foi ser professor da rede pública de ensino e sócio de entidades representativas docentes de seus estados. Do total de 420 professores, 76,3% eram do sexo feminino e 23,7% do sexo masculino. A distribuição por rede de atuação dos professores é equilibrada, 59,2% de professores atuam na rede Municipal de Ensino e 40,8% na rede Estadual. A formação inicial dos professores é equiparada, 47,7% é formado em Pedagogia e 52,3% dos docentes, graduados em cursos das Licenciaturas Diversas (Matemática, Biologia, Letras etc.). A maior parte dos professores era do estado de Pernambuco (22%), seguidos da Bahia e Paraíba (ambos com 12%), Ceará e Piauí (ambos com 11%), Rio Grande do Norte e Alagoas ambos com 9% dentre os participantes, seguidos do Maranhão com 8% e por último, Sergipe com 6% do total de participantes.

5 PO ou PA significando professor ou professora; seguida do número de ordem de aplicação do protocolo de associação livre e sigla do estado em que trabalham. Exemplo: PA02.PE: uma professora que respondeu ao protocolo número 2 e trabalhava em Pernambuco.

Após obtermos os dados, as evocações dos sujeitos foram incluídas em uma plataforma on-line chamada openEvoc⁶, essa plataforma criada por Sant'anna (2012), além de promover outras ferramentas para categorização de dados, baseia-se em um software comumente utilizado para tratamento de resultados da associação livre em representações sociais, o software Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations - EVOC, 1999⁷.

Resultados e discussão

Os resultados obtidos a partir das palavras evocadas pelos 420 docentes à expressão indutora “violência contra o professor é...”, somaram um total de 2.100 palavras dentre as quais, 1.830 eram diferentes entre si. O conjunto de termos resultante da associação livre foi submetido à tabulação e análise através do openEvoc (SANT'ANNA, 2012). O quadro abaixo, gerado a partir das evocações dos professores, combinou a ordem média da frequência e a ordem média de importância da evocação:

Quadro 1 - Possíveis elementos centrais e periféricos da representação social da violência contra o professor (professores associados) na Região Nordeste

++	Frequência >= 3 / Ordem de evocação < 3		+-	Frequência >= 3 / Ordem de evocação >= 3	
10.46%	desrespeito	2.19	3.62%	familia	3.08
4.25%	agressao	2.92			
3.91%	impunidade	2.88			
3.08%	desvalorizacao	2.94			
+	Frequência < 3 / Ordem de evocação < 3		--	Frequência < 3 / Ordem de evocação >= 3	
2.1%	educacao	1.98	2.93%	medo	3.42
2.1%	descaso	2.7	2.59%	tristeza	3.38
1.61%	respeito	1.94	1.66%	xingamento	3.41
1.52%	deseducacao	2.19	1.32%	intolerancia	3.52
1.47%	palavrao	1.83	1.27%	impotencia	3.31
1.17%	assedio	2.75	1.27%	inseguranca	3.35
			1.08%	indisciplina	3.18
			1.08%	injustica	3.27

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

6 Disponível em < <http://www.hugocristo.com.br/projetos/openevoc/>>

7 O software Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations (EVOC) foi construído por Pierre Vergès, em 1999. Constitui um conjunto de programas que permitem a análise de evocações da associação livre.

No quadrante superior esquerdo estão as palavras estruturadoras do possível núcleo central, os elementos mais evocados e considerados como mais importantes pelos professores ao se referirem à violência contra eles próprios. Tais palavras são: *desrespeito*, *agressão*, *impunidade* e *desvalorização*. No segundo quadrante, superior direito, ficam os elementos da primeira periferia, os elementos periféricos mais importantes. A palavra *família* é o único elemento pertencente à primeira periferia. No quadrante inferior esquerdo, está situada a zona de contraste com palavras de baixa frequência, porém consideradas as mais importantes: *educação*, *descaso*, *respeito*, *deseducação*, *palavrão* e *assédio*. E no quadrante inferior direito, na segunda periferia, situam-se os elementos evocados de forma menos frequente e considerados de menor importância pelos docentes como: *medo*, *tristeza*, *xingamento*, *intolerância*, *impotência*, *insegurança*, *indisciplina* e *injustiça*.

A hipótese de centralidade se concentrou nos termos *desrespeito*, *agressão*, *impunidade* e *desvalorização*. A partir das palavras situadas no quadrante superior esquerdo, inferiu-se que, de maneira geral, para esse grupo de docentes a representação da violência contra o professor está inserida numa condição de desrespeito, salientando que esta foi tanto a palavra mais evocada, com uma frequência de 10,46%, quanto o termo que apresentou menor ordem de evocação, 2,19. Esse termo revela uma forte relação entre a violência sofrida pelos professores com situações de ameaça, humilhação, subestimação, assédio, exploração, adoecimento, dentre outros, que contemplam as circunstâncias de se sentir desrespeitado. Uma conjuntura que se caracteriza como uma agressão, pautada na impunidade e na desvalorização pessoal e social do professor.

Dessa forma, as quatro palavras se aproximam e o termo desrespeito funciona como o eixo central que dá sentido prático aos outros elementos evocados. Essa perspectiva é evidenciada nas justificativas⁸ dos professores para escolha das palavras mais importantes indicadas a seguir:

Desrespeito, nossa profissão é constantemente desrespeitada por todos seguimentos sociais, não somos considerados profissionais responsáveis pela instrução e pelo conhecimento adquirido pelas crianças, mas sim como babás de filhos mal-educados que frequentam a escola por serem obrigados pelo governo para mostrar resultados irreais nas classificações mundiais. PA152.PE

8 As justificativas dos professores estão apresentadas na íntegra.

Através das justificativas, pode-se perceber que as três palavras: desvalorização, impunidade e agressão norteiam o sentido prático do desrespeito sofrido pelo professor, materializando a violência nos vieses simbólico, psicológico e físico (EVANS, 1996; BOURDIEU; PASSERON, 1975; ABRAMOVAY; RUA, 2002). A violência simbólica é respaldada por situações legitimadas socialmente que colocam o profissional em uma posição marginalizada, delimitando a função docente a uma prestação de serviços. Assim, se caracteriza um desencontro entre o profissional e o papel que ele exerce na sociedade: o professor é considerado importante, necessário, imprescindível, e ao mesmo tempo recebe salários não compatíveis, trabalha em ambientes sucateados, tem direitos trabalhistas desrespeitados etc. É uma ambiguidade sentida de forma dolorosa no cotidiano desse profissional.

Desvalorização envolve desde a estrutura física da própria escola tornando um ambiente não propício para a socialização dos envolvidos até uma estrutura didático e pedagógico, que não agrega valor para o crescimento intelectual dos discentes. PO252.PE

O discurso que enfatiza os termos (importante, imprescindível, dentre outros) está muito longe de se relacionar com a prática (difíceis condições dos ambientes de trabalho e desvalorização salarial) e essa dissonância gera uma atmosfera propícia para a humilhação e coisificação dos professores. Trata-se da violência psicológica, que é corroborada pelos sérios problemas de saúde que acometem esses profissionais, tais como: depressão, síndrome do pânico, dentre outras doenças emocionais decorrentes do exercício da função docente.

Apesar dessas graves questões apontadas pelos docentes, inferiu-se que a violência contra eles decorre de uma estrutura social dominante que funciona como princípio gerador e explicativo da violência contra o professor que supera a possibilidade de responsabilização de um indivíduo apenas. Isso corrobora a ideia de que o fenômeno tem múltiplas faces e determinações, assim como a profissão docente, em virtude das atribuições profissionais e ao contexto em que a escola está inserida. Assim, a organização dos elementos identificados como provavelmente centrais, corroborados pelas justificativas docentes, apresentam duas características: têm caráter normativo, pois o termo *desrespeito* caracteriza o juízo de valor em relação à representação social, bem como caráter funcional, já que *agressão, impunidade e desva-*

lorização estão associadas ao modo de expressão dessa violência no cotidiano docente.

Conectados a esse suposto núcleo central, os elementos periféricos que estão distribuídos nos três demais quadrantes possibilitam a compreensão de outros sentidos atribuídos pelos professores à violência contra eles mesmos. O quadrante superior direito (primeira periferia) contém os elementos periféricos mais importantes, as palavras que também tiveram alta frequência, porém a posição média na hierarquização feita pelos participantes não permitiu que fizessem parte do núcleo central. No referido quadrante, encontrou-se apenas o termo *família*, trata-se de um termo relacionado diretamente com o núcleo central, ratificando que os docentes compreendem essa violência com um viés social bastante arraigado:

Parece que as pessoas perderam o respeito pela figura do professor. A própria família não valoriza o profissional. A família colocou nas mãos da escola o dever de educar. PA403.PE

A maioria dos alunos vem de lares desestruturados, pais que bebem, brigam, se prostituem... PA250.BA

A palavra *família* é utilizada nas justificativas para explicar que a violência contra o docente também é gerada a partir das relações interpessoais dos sujeitos. A perda de valores e a violência para com os professores estão, conforme justificaram os participantes, fortemente relacionadas à ausência dos pais ou a uma família desestruturada (seja por trabalharem fora de casa, viverem em lares em que os pais têm vários parceiros consecutivos etc.).

Ainda, segundo os docentes, a prática de terceirização da educação por parte dos pais, ou seja, o pouco comprometimento e responsabilização das famílias no processo educativo, que delegam essa tarefa unicamente à escola, distorce e descaracteriza a função da instituição escolar. Seja por qualquer dos motivos acima expostos, para os professores, a família está negligenciando seus filhos no sentido da resolução de conflitos, divergências não negociadas, desrespeito para com o outro, depredações do ambiente em que vivem, convivência com violências verbais e físicas, uso de drogas, dentre outros. Como consequência, os alunos reproduzem na escola os efeitos dessa negligência.

A desestruturação das famílias levou-nos a atender a alunos mal-educados, violentos e desconhecido-

res de valores sociais básicos, como o respeito; o que os torna, em muitos casos, agressivos e violentos.
PO122.PI

No entanto, o discurso de que a família desestruturada, sobretudo a mais pobre, é a grande responsável por todos os males, do fracasso escolar à violência, tem sido criticado. Dessa forma, enfatiza-se que a violência não pode ser condicionada a determinantes genéticos ou sociais, mas considerada um fenômeno passível de educação, seja ela familiar, escolar ou de qualquer outra natureza.

Com as diferentes configurações familiares, os papéis da escola se modificam, visto que, uma geração de jovens e crianças advinda de contextos sociocultural e econômico diferenciados precisa legitimar o seu pertencimento ao âmbito escolar, algo diferente do outrora estabelecido. Admite-se, portanto, que o modelo de família se encontra em expansão e não em desestruturação (BACKES, 2009). Isso ajuda a compreender a aparente contradição em que a família, elencada como instituição importante quando se pensa no tipo de violência em questão, aparece como termo da primeira periferia. Podendo ser explicado pela organização dos elementos no possível núcleo central. Nesse núcleo, a violência aparece muito mais ligada a uma estrutura social (através da palavra desrespeito), do que a educação familiar dos alunos.

Dando prosseguimento à análise do quadro acima, encontram-se situados no quadrante inferior esquerdo os termos: *educação, descaso, respeito, deseducação, palavrão e assédio*. São termos que foram pouco frequentes nas evocações, mas considerados muito importantes pelos que os evocam. Eles constituem uma “zona de contraste”, que pode, segundo Abric (2003), indicar a existência de um subgrupo que sustenta uma representação diferente daquela da maioria do grupo, ou mesmo que esteja em curso um processo de transformação da representação. No caso da estrutura da representação dos professores desta investigação, os termos do quadrante inferior esquerdo (zona de contraste) parecem reforçar os elementos pertencentes ao núcleo central.

Os docentes associam as palavras *deseducação, descaso e assédio* a estas mudanças nas relações interpessoais e na perda de valores tidos como importantes para eles. As ocorrências isoladas de violência podem chocar momentaneamente os professores, enquanto a rotinização tem consequências bem mais danosas, podendo inclusive afetar a

saúde mental destes profissionais. Portanto, as situações de assédio moral constantes, a falta de educação e o descaso com que esses episódios são tratados permitem que a violência verbal no ambiente escolar seja naturalizada, causando um dos efeitos mais cruéis da violência na escola que é a desestruturação do ambiente de trabalho docente.

Contudo, os elementos da zona de contraste indicados mais prontamente como importantes pelos docentes: *educação, descaso, respeito, deseducação, palavrão* e *assédio* estão vinculados ao sentido dado à representação pelo possível núcleo central identificado. Os elementos educação, palavrão, e respeito parecem se relacionar aos elementos centrais desrespeito e agressão, enquanto os termos deseducação, descaso e assédio aproximam-se dos componentes *impunidade* e *desvalorização*.

Para finalizar a análise da estrutura das representações dos professores, observou-se o quadrante inferior direito, onde se localizaram as palavras: *medo, tristeza, xingamento, intolerância, impotência, insegurança, indisciplina* e *injustiça*. Como é possível observar de imediato, as palavras dessa periferia mais distante sugerem as implicações da violência para a prática docente. Em sua maioria, são palavras de teor negativo que revelam a posição dos profissionais perante o assédio moral, a banalização da violência na relação professor-aluno e a precarização da profissão. O conjunto de palavras desse quadrante deixa explícita a falta de alternativas por parte do professor para fazer face ao enfrentamento da violência, como também descreve como esse profissional se sente em relação ao fenômeno.

Os professores apontaram conviverem constantemente com o constrangimento do sentimento de impotência diante da violência contra eles mesmos, tornando-se reféns de uma realidade desfavorável à medida que se sentem despreparados para lidar com a diversidade de questões provocadas pelo fenômeno da violência escolar.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), o aumento da carga horária de trabalho, o rebaixamento dos níveis salariais, a instabilidade no emprego e o acúmulo de funções, são alguns fatores geradores da precarização do trabalho de uma forma geral. E quando se remete aos professores, essa questão é ainda mais acentuada. Nesta condição de precarização do trabalho, os professores podem perder a capacidade de reagir contra o sofrimento a que são submetidos, e muitas vezes se defendem através da narrativa de negação da própria dor ou através do silêncio.

Tal resultado sugere que as agressões, principalmente as que atingem a integridade física dos professores, cometidas nos interiores das escolas, seria um reflexo da desvalorização da profissão docente. É como se essas agressões fizessem parte de uma tríade: uma profissão desvalorizada socialmente, corroborada pelas famílias dos estudantes (organizadas em novas configurações sociais) culmina em agressões nas escolas. Portanto, para os docentes, a família dos alunos parece apoiar a violência contra o professor porque ela está inserida numa estrutura social que legitima esses tipos de ações. Tal constatação ajuda a entender também o porquê de serem cada vez mais constantes os casos de violência física dos pais de alunos contra os docentes.

É interessante destacar que os elementos *desrespeito, agressão, impunidade* e *desvalorização*, constituintes do possível núcleo central reforçaram as relações práticas e normativas com os demais elementos periféricos, fazendo interface com o cotidiano dessas práticas. Quando refletida nos resultados da primeira etapa, sobre os documentos veiculados pelas entidades sindicais, essa dinâmica leva a dois vieses.

O primeiro tende a explicar a expressiva ausência de discussões sobre a violência contra o docente nos textos veiculados pelos sindicatos. Admitir essas situações de violência, bem como lidar com os sentimentos negativos, adoecimento e desistência profissional apontadas pelos professores, atestam a urgente necessidade de mudança. Considerando o histórico político de nosso país, a mudança desse quadro parece ser muito distante das disponibilidades investidas pelos profissionais, instituições e sindicatos.

A impossibilidade de mudança não aparece de forma explícita, mas de forma velada, quando, por exemplo, os professores citam a certeza da impunidade, a falta de investimento público e social, o sentimento de injustiça, o anseio da desistência, a perspectiva de aposentadoria etc. Isso confirma o reconhecimento dos sindicatos sobre a complexidade dessas questões e, de certa forma, sua incapacidade para lidar com o fenômeno.

O segundo ponto confirma que a violência contra o docente está fundamentada na violência geral que atinge grupos sociais, de gênero, crianças, adolescentes etc. Bem como, de maneira mais enfática, em elementos estruturais: na desvalorização profissional que se materializa, principalmente, na baixa remuneração. Essas questões também atestam a dificuldade em lidar com o fenômeno da violência contra o

docente. Os relatos dos professores permitem confirmar que a violência no ambiente escolar, mais especificamente contra o docente, é sim um dos principais elementos de precarização da profissão, pois ela envolve tanto o exercício de sua função, quanto o papel social deste profissional.

Considerações finais

Destaca-se que o elemento central desrespeito desempenhou, principalmente, a função normativa da representação desses docentes. Esse termo se relacionou, além dos elementos periféricos, com os demais elementos que aparentemente são funcionais, *agressão*, *impunidade* e *desvalorização* presentes no núcleo central. Esses elementos revelaram como a violência está sendo expressa na prática docente, isto é, manifesta na dissonância entre o discurso circulante, em que o professor é considerado de extrema importância para a sociedade, e a prática, em que este é desvalorizado e massacrado diariamente pelas suas condições de trabalho.

Dessa forma, os demais elementos se aproximaram e envolveram as implicações dessa violência no cotidiano docente. Ela se relaciona com a *família*, instituição social que também legitima o professor como mero prestador de serviços. O modo que essa violência se expressa foi ilustrada através dos elementos *educação*, *descaso*, *respeito*, *deseducação*, *palavrão* e *assédio*. Além disso, pode-se compreender como essa violência se caracteriza no cotidiano docente através do *medo*, *tristeza*, *xingamento*, *intolerância*, *impotência*, *insegurança*, *indisciplina* e *injustiça*, que provocam sofrimento de ordem emocional, moral e muitas vezes física. Enfatiza-se a necessidade de mais estudos sobre a temática, principalmente para que haja elementos que contribuam para o enfrentamento desse tipo de violência.

Referências

- ABRAMOVAY, Miram. (Org.) **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2005
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002

ABRIC, Jean. Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

ABRIC, Jean. Claude. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOREIRO, M. C. S. (Org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 37-57

ALUNO de 10 anos dispara contra professora e se suicida em escola paulista. Uol Notícias, São Paulo, 22 set. 2011. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/09/22/aluno-de-10-anos-dispara-contra-professora-e-se-suicida-em-escola-paulista.jhtm>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BACKES, Marli Terezinha Stein. et al. Conceitos de Saúde e Doença ao longo da história sob o olhar Epidemiológico e Antropológico. **Revista enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2009 jan/mar; v. 17, n. 1, p. 111-7, 2009.

BOURDIEU, P., PASSERON, J. C. **A reprodução**; elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Ambiência / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**. 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010

CANDAU, Vera. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

EVANS, Patricia. **The verbally abusive relationship: how to recognize it and how to respond**. 2 ed. Massachusetts: Adans Média Corporation: Holbrook, 1996

GIL, Wganer. **Diretora de escola sofre traumatismo craniano ao ser agredida por pai de estudante**. 23 dez. 2010. Disponível em: <https://ne10.uol.com.br/canal/interior/agreste/noticia/2010/10/23/diretora-de-escola-sofre-traumatismo-craniano-ao-ser-agredida-por-pai-de-estudante-241244.php>.. Acesso em: 22 mar. 2018.

GUIMARÃES, Maria. Eloisa. A escola entre quadrilhas e galeras: juventude segregada. In: **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998

JODELET, Denise. **Folies et représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fiocruz, 168 Ed. Garamond, 1999.

MOSCOVICI, Serge. On social representations. Em J.P. Forgas (org.), **Social Cognition - Perspectives on Everyday understanding**. London: Academic Press. 1981

NJAINÉ, Kathie.; Sentidos da violência ou a violência sem sentido – o olhar dos adolescentes sobre a mídia. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.20, p.381-92, jul/dez 2004.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28,n.100, out. 2007

SANT'ANNA, Hugo. OpenEvoc: Um programa de apoio à pesquisa em Representações Sociais. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO, 7, 2012, Vitória, ES. **Anais eletrônicos [...]**.Vitória, 2012

Recebido: junho/2019

Aceito: agosto/2019